

**Ações afirmativas
com recorte racial no
Ensino Superior:
o impacto da política na
Universidade Federal
Do Rio Grande Do Sul**

Michele Barcelos Doebber

A UFRGS implantou no ano de 2008, através da Decisão 134/2007, o Programa de Ações Afirmativas na modalidade de reserva de vagas. No sistema UFRGS, do total de vagas disponíveis para ingresso por concurso vestibular em cada curso, 30% são reservadas para candidatos egressos dos sistemas públicos de ensino fundamental e médio. Dentre esses, no mínimo a metade deve ser garantida a estudantes autodeclarados negros.

Este estudo, desdobramento de dissertação de mestrado em educação, analisa o impacto da adoção de ações afirmativas para estudantes negros provenientes de escolas públicas no perfil dos estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Além disso, aborda a relevância da implementação de políticas afirmativas na vida de estudantes negros e na dinâmica de suas famílias.

O material empírico utilizado consiste em entrevistas realizadas com estudantes cotistas autodeclarados negros dos cursos de Engenharia Elétrica e Pedagogia, versando sobre as percepções em relação à trajetória escolar bem como as dificuldades e expectativas em relação à Universidade. Também foram utilizadas informações institucionais de relatórios de avaliação do ingresso após a implementação do Programa de Ações Afirmativas e depoimentos de estudantes extraídos de jornal impresso.

* Michele Barcelos Doebber, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pedagoga e Técnica em Assuntos Educacionais atuando junto ao Programa de Ações Afirmativas da UFRGS. Contato: micheledoebber@yahoo.com.br. O artigo aqui apresentado constitui-se em recorte de dissertação de mestrado intitulada “Reconhecer-se diferente é a condição de entrada – tornar-se igual é a estratégia de permanência: das práticas institucionais à constituição de estudantes cotistas negros na UFRGS”, sob orientação da Profa. Dra. Clarice Salete Traversini.

Impacto da política de cotas no perfil do estudante da UFRGS

Para analisar o impacto da política de ações afirmativas no perfil dos estudantes da Universidade, mais especificamente no que diz respeito ao perfil étnico-racial do alunado, valho-me de dados de relatório de avaliação elaborado por comissão composta por representantes docentes, técnicos e discentes da UFRGS para esse fim¹. Além disso, cotejo tal análise com informações referentes ao preenchimento das vagas reservadas para ingresso de estudantes via política de cotas no Concurso Vestibular².

A tabela que segue mostra a proporção de candidatos de escolas públicas autodeclarados negros classificados no concurso vestibular no período de 2007 a 2012, antes e após a implementação da política de cotas.

Tabela 1. Proporção de candidatos egressos de escolas públicas que se autodeclararam negros entre os classificados no Concurso Vestibular (CV), 2007-2012³.

Densidade	2007		2008		2009		2010		2011		2012	
	EpN/CCV*	%	EpN/CCV	%	EpN/CCV	%	EpN/CCV	%	EpN/CCV	%	EpN/CCV	%
Baixa	69/ 1.272	5,42	161/ 1.242	12,96	122/ 1.243	9,81	97/ 1.200	8,08	115 / 1.142	10,07	92/ 1.161	7,92
Média	47/ 1.468	3,20	181/ 1.478	12,24	172/ 1.505	11,43	149/ 1.485	10,03	137 / 1.498	9,15	172/ 1.520	11,32
Alta	21/ 1.472	1,43	121/ 1.502	8,06	121/ 1.564	7,74	144/ 1.586	9,08	135 / 1.616	8,35	263/ 1.774	14,83
Geral	137/ 4.192	3,27	473/ 4.289	11,03	443/ 4.526	9,79	446/ 4.910	9,08	489 / 4.993	9,79	605/ 5.283	11,45

*Número de candidatos egressos de escolas públicas e autodeclarados negros classificados no CV/número total de candidatos classificados no CV.

Fonte: Relatório do acompanhamento quantitativo do ingresso de estudantes no âmbito da política de reserva de vagas da UFRGS no período de 2008-2012. Programa de Ações Afirmativas/UFRGS.

¹ A Comissão *ad hoc* de Avaliação do Programa de Ações Afirmativas realizou estudo quantitativo do impacto do Programa no perfil dos alunos ingressantes na UFRGS por meio de concurso vestibular, comparando dados de 2007-2008-2009-2010-2011-2012 (antes e depois da implementação do Programa), conforme as duas categorias estabelecidas na legislação pertinente (Decisão 134/2007 do Consun): estudantes egressos de escolas públicas e estudantes egressos de escola pública autodeclarados negros. Relatório disponível em: <<http://www.acoesafirmativas.ufrgs.br/>>. Acesso em: 08 jul. 2012.

² Dados disponíveis no site da Comissão Permanente de Seleção/Coperse sistematizados por mim para fins de análise.

³ Além da análise geral, foi realizada estratificação por grupos de cursos conforme densidade de concorrência no concurso vestibular: cursos de baixa densidade (<5,0 candidatos por vaga), média densidade (≥5,0 – 9,0 candidatos por vaga) e alta densidade (>9,0 candidatos por vaga).

Como se pode observar na tabela, o índice de aprovação no vestibular dos candidatos autodeclarados negros teve um aumento significativo após a implementação do Programa. Em 2007, 3,27% dos estudantes que foram aprovados no vestibular se declararam negros no questionário socioeconômico e provinham do ensino médio público⁴. Em outras palavras, naquele ano a cada 100 estudantes que ingressaram na UFRGS, aproximadamente 94 eram brancos e três eram negros de outro percurso escolar⁵. Em 2008, com a implementação da política de cotas, o percentual de estudantes negros de escola pública subiu para 11,03% e em 2012 chegou a 11,45%. Tais dados mostram que a reserva de vagas oportunizou que passassem a ingressar em média 3,5 vezes mais estudantes negros de escolas públicas em relação ao que ingressavam antes do estabelecimento da política. Esta pode ser considerada uma transformação bastante significativa, mesmo que o percentual ainda não se aproxime da representação da população negra no estado do Rio Grande do Sul que, em 2009, segundo Pesquisa Nacional de Amostras à Domicílio⁶, era de 18,3% (somando o percentual de pessoas que se declararam pretas ou pardas).

É importante salientar que as informações de proporção de ingressantes conforme cor/raça trazidas aqui ou outras variáveis que poderiam ser exploradas, vão se diferenciar muito dependendo do curso em questão. Como salienta Souza⁷,

sabemos que os cursos de maior prestígio, densidade ou argumento de concorrência, geralmente são os que mais evidenciam as assimetrias socioeconômicas representadas em números e percentuais. Basta considerarmos o caso dos cursos cujo 'ponto de corte' [no vestibular] costuma ser muito alto.

O pesquisador traz como exemplo os cursos de Medicina, Direito Diurno, Administração Diurno, Biomedicina, Publicidade/Propaganda, Design de Produtos, Design Visual e Relações Internacionais, nos quais nenhum dos candidatos autodeclarados negros de escola pública inscritos se classificou através da adoção do sistema de reserva de vagas no ano de 2008. No ano de 2009 esta situação sofreu pouca alteração, tendo ingressado no curso de Medicina um aluno

⁴ Para esta análise foram considerados os dados informados pelos estudantes no questionário socioeconômico aplicado anualmente pela Comissão Permanente de Seleção na inscrição para o concurso vestibular. No ano de 2007, anterior à implementação da reserva de vagas, a informação referente à escolaridade do candidato dizia respeito somente à escola frequentada no ensino médio. Desse modo, para fins de comparação, utilizou-se essa mesma informação para os anos subsequentes (Relatório de Avaliação do Programa de Ações Afirmativas, 2012).

⁵ Número aproximado com base nas informações disponível no Relatório de Avaliação do Programa de Ações Afirmativas, 2012.

⁶ IBGE. Síntese de Indicadores Sociais – uma análise das condições de vida da população brasileira. 2010.

⁷ SOUZA, João Vicente Silva. *Alunos de escola pública na Universidade Federal do Rio Grande do Sul: portas entreabertas*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 87.

autodeclarado negro, um no Direito Diurno, dois na Administração Diurna e um no curso de Design de Produtos. Os demais cursos citados permaneceram sem ingressar nenhum estudante autodeclarado negro. Podemos concluir que, além de evidenciar assimetrias socioeconômicas, o percentual de ingresso nesses cursos comprova uma assimetria de representação de estudantes quanto à cor/raça.

Somente no ano de 2012, com a mudança nas normas que regem o Concurso Vestibular⁸, houve efetivo ingresso de estudantes negros nos cursos mais concorridos. No curso de Medicina, por exemplo, ingressaram 21 estudantes autodeclarados negros de escolas públicas, podendo ser considerada uma transformação histórica no que diz respeito ao perfil do estudante de um dos cursos mais tradicionais do Estado.

Mesmo com as assimetrias presentes entre os cursos, como bem enfatizado por Souza⁹, podemos observar na tabela apresentada anteriormente um dado que precisa ser ressaltado pelo grau de importância que apresenta. Ao analisarmos na tabela as divisões dos cursos conforme densidade de inscritos, podemos concluir que a implementação da reserva de vagas possibilitou um impacto expressivo em todas as faixas de densidade. Observa-se que, se por um lado nos cursos de baixa densidade há um aumento expressivo de estudantes negros sendo aprovados no primeiro ano da política e após queda bastante significativa; por outro, nos cursos de alta densidade, ou seja, os cursos mais concorridos e de maior prestígio, dentre eles Medicina, Psicologia, Direito, Relações Internacionais, Biomedicina, Odontologia, o impacto chega a dez vezes mais estudantes autodeclarados negros ingressando nesses cursos. Esta migração dos cursos menos concorridos para os de maior concorrência parece indicar que os estudantes negros têm se sentido mais capazes para disputar espaço nos cursos de maior privilégio, em busca da carreira idealizada. O que certamente pode ser considerado efeito da política afirmativa.

O impacto em cursos que tradicionalmente tem sido os de maior concorrência no ingresso, e, conseqüentemente, cursos elitizados, trata-se de uma transformação no perfil racial dos alunos da UFRGS que contribui significativamente para a mobilidade social da população negra através do ingresso em cursos de maior prestígio. Nesse sentido, López ao refletir sobre a existência de ações afirmativas na UFRGS, aponta que tal processo político “abriu brechas para o debate sobre a diversidade numa instituição que se apresenta como monocultural

⁸ O item 6.1.5 do Edital CV/2012 prevê alteração das normas de avaliação do concurso vestibular ampliando a quantidade de pré-classificados, o que beneficiou especialmente os candidatos pela reserva de vagas. Edital disponível em: <<http://www.ufrgs.br/vestibular>>. Acesso em: 7 jul. 2012.

⁹ SOUZA, 2009.

e racializada, trazendo para a arena institucional sujeitos políticos antes não contemplados”¹⁰.

Se, por um lado, através da análise apresentada é possível observar o maior ingresso de estudantes de escolas públicas autodeclarados negros, por outro, torna-se importante analisar a efetivação do Programa no que diz respeito ao preenchimento das vagas destinadas para tal fim.

No quadro abaixo podemos observar os números referentes à procura, oferta e ocupação das vagas para ingresso na UFRGS pelo concurso vestibular, conforme a modalidade (se por ingresso universal, de ensino público ou de ensino público autodeclarado negro).

Tabela 2 – Número de vagas ofertadas, número e porcentagem de vagas ocupadas no Concurso Vestibular, por modalidade de ingresso, nos anos de 2008 a 2012.

Modalidade de ingresso	2008			2009			2010			2011			2012		
	Oferta	Ocupação		Oferta	Ocupação		Oferta	Ocupação		Oferta	Ocupação		Oferta	Ocupação	
Universal	2978	2997	100,6%	3148	3170	100,7%	3419	3417	99,9%	3460	3489	100,8%	3650	3715	101,7%
Ep*	667	1020	152,9%	704	1151	163,4%	771	1246	161,6%	779	1239	159%	820	1141	139,1%
Epn**	667	295	44,2%	704	231	32,8%	771	247	32%	779	265	34%	820	407	49,6%

Fonte: www.coperse.ufrgs.br

*Ep= egresso de escola pública

**Epn= egresso de escola pública autodeclarado negro

Os dados apresentados na tabela indicam um cenário de subocupação das vagas destinadas a candidatos autodeclarados negros egressos de escola pública. No primeiro ano da política foram ocupadas 44,2% das vagas destinadas a este grupo. Nos anos de 2009, 2010 e 2011 a média de ocupação foi de 33%. Em 2012 foram ocupadas 49,6% dessas vagas pelo grupo de direito, o restante foram ocupadas por candidatos não negros de escola pública¹¹. Somente neste último ano, devido à

¹⁰ LÓPEZ, Laura Cecília. “Que América Latina se sincere”: Uma análise antropológica das políticas e poéticas do ativismo negro em face às ações afirmativas e às reparações no Cone Sul. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre: UFRGS, 2009, p. 306.

¹¹ Tal procedimento ocorre com base no Art. 10 § 3º da Decisão 134/2007, no qual estabelece que no caso de não haver candidatos em condições de preencher as vagas garantidas a negros egressos dos sistemas públicos de ensino fundamental e médio, estas serão preenchidas por candidatos não negros oriundos de escolas públicas. Se ainda restarem vagas as mesmas voltarão ao sistema universal por curso.

alteração nas normas do vestibular, se chega a ocupar metade das vagas destinadas a estudantes autodeclarados negros egressos de escolas públicas.

Compreendo que a baixa ocupação de vagas por este grupo de alunos não se deve a pouca procura dos estudantes, uma vez que o número de inscritos foi, em todos os anos, bastante superior ao número de vagas existentes (por exemplo, no ano de 2012 inscreveram-se 1934 estudantes negros de escola pública e foram aprovados somente 407). O principal motivo para a sub-ocupação da reserva de vagas para estudantes negros parece dever-se ao formato utilizado para a classificação no vestibular, que ao se utilizar de um ponto de corte elimina aqueles candidatos que não obtiveram pontuação suficiente para que sua redação fosse corrigida. Assim, uma política afirmativa que pretende ser inclusiva, torna-se excludente já no momento do acesso. No modelo utilizado pela UFRGS, mesmo com alguns ajustes nas regras de correção das provas do vestibular, a pontuação nas provas segue sendo única, todos disputam com todos, o que é diferente de outras universidades nas quais o ponto de corte é diferente para alunos candidatos às vagas universais e para alunos candidatos à reserva de vagas.

Em síntese, conforme procurei explicitar, a partir dos dados de acompanhamento quantitativo do ingresso de estudantes no âmbito da política de reserva de vagas, é possível identificar o aumento significativo no acesso de estudantes autodeclarados negros provenientes de escolas públicas provocando transformações no perfil étnico-racial dos estudantes da UFRGS. Entretanto, analisando as informações do vestibular, também podemos observar a sub-ocupação das vagas destinadas a esse grupo de alunos, chegando a 50%, o que indica que o impacto pode vir a ser ainda maior, pois há possibilidade de maior ingresso de estudantes negros através da política de cotas.

O que pode representar para estudantes negros e suas famílias o acesso ao ensino superior?

É um duplo orgulho. Não só pela minha filha, mas pelo que isso representa de resgate em relação às oportunidades que os negros não tiveram no passado. (Pai de estudante cotista do curso de Medicina, professor estadual)

A chegada dos negros à universidade é muito importante para corrigir uma questão histórica. (Jéssica, Caloura do Curso de Medicina)

Com uma entrada maior dos negros na universidade, teremos uma quantidade muito maior de médicos negros, que hoje praticamente não existem. (William, Calouro do Curso de Medicina)

Esta será uma turma histórica, até como marco de início de uma integração étnica muito maior em um dos cursos mais tradicionais da universidade. (Bruna, Caloura do Curso de Medicina)¹²

Essas são falas de familiar e estudantes cotistas no primeiro dia em que entram em contato com o ambiente universitário. No mesmo sentido do que é expresso nesses depoimentos, um dos temas que emergiram com força durante as entrevistas realizadas com estudantes cotistas negros tratou-se da relação destes e de suas famílias com a educação. De modo geral, parecem ter uma expectativa bastante elevada no poder da educação em suas vidas e apostam no ensino superior como uma garantia de ascensão econômica e social.

No curso de Pedagogia, as cinco estudantes que foram entrevistadas eram as primeiras da família a ingressarem no ensino superior ou da primeira geração a fazê-lo. O grau de escolaridade de seus pais e mães varia desde “analfabeto” até ensino médio completo, tendo grande parte cursado somente até a 4ª série do ensino fundamental. Todas afirmam ter interesse em participar de atividades de iniciação científica e de extensão, assim como de seguirem estudando depois de formadas, fazendo pós-graduação e buscar trabalho na área de formação. Explicitam também possuir incentivo da família para que estejam na Universidade e sigam estudando, como aparece na fala da estudante E6 Ped.¹³:

Eu escutei muito da minha família assim ‘que bom que alguém entrou, que bom que alguém conseguiu’. A minha mãe sempre falou assim: ‘Tu vai conseguir um pós lá dentro, vai! Tu precisa estudar pro mestrado, vai! Estuda pra passar na prova, porque quanto mais tu te especializar na tua área melhor’. [...] porque as pessoas dizem que é muito difícil. Mas nada foi fácil até agora. (E6 Ped.)

¹² Depoimentos extraídos da matéria “Cotas da UFRGS: Turma histórica na Medicina”. A matéria trata do primeiro ingresso efetivo de cotistas no curso de Medicina que, no segundo semestre de 2012, recebeu 21 estudantes negros. Jornal Zero Hora, 14 de junho de 2012, p. 24.

¹³ Utilizo esta dominação para identificar os estudantes participantes da pesquisa, sendo Ex Ped. para as estudantes do curso de Pedagogia e Ex Elet. para estudantes do curso de Engenharia Elétrica.

No curso de Engenharia Elétrica, quatro dos cinco estudantes também eram da primeira geração a acessar o ensino superior. Todos frequentaram ensino técnico profissionalizante. Quando questionados sobre o que gostariam de realizar dentro da UFRGS, dizem ter como primeiro objetivo formarem-se em seus cursos. Apesar de um deles demonstrar interesse em seguir carreira docente, de modo geral, ainda não visualizam concretamente o campo de trabalho, não conseguindo projetar área de interesse, por exemplo. Alguns almejam seguir estudando, mas não vislumbram como algo muito possível. Um deles, inclusive, diz que tentaria pós-graduação em instituição privada porque na UFRGS leva-se muito em conta o currículo e o bom desempenho no curso, e ele não teria condições de preencher esses critérios. Também demonstram ter percorrido um longo percurso para chegar até a UFRGS: vários vestibulares, ingresso anterior em universidade paga sem ter concluído o curso.

Para tais estudantes e suas famílias o fato de terem conseguido acessar o ensino superior possui um significado simbólico de modelo para as próximas gerações. É importante para os jovens negros verem representantes de seus grupos bem-sucedidos como profissionais nas áreas mais nobres, como Engenharia, Direito, Medicina, entre outros. O direito à educação, através da instrução formal e da preparação profissional, foi a principal bandeira de luta dos negros organizados nas diferentes épocas. Assim, de algum modo, como inclusive aparece nas falas dos estudantes, chegar ao ensino superior é a concretização de um sonho coletivo, muito mais do que individual.

Os estudantes, em suas falas, explicitam que o fato de a UFRGS ter implementado um sistema de reserva de vagas teve como efeito um incentivo a mais para tentarem uma vaga na Universidade, pois viam uma possibilidade maior no ingresso. Nos excertos que se seguem busquei selecionar um conjunto de expressões dos alunos relacionadas à necessidade da existência de ações afirmativas na Universidade.

P¹⁴: Eu queria saber como foi quando tu ficou sabendo que foram aprovadas as ações afirmativas. Se fez diferença pra ti...

E: Eu lembro que eu pensei duas coisas assim, pensei que era uma possibilidade, uma possibilidade maior pra eu ingressar. Porque eu já havia tentado antes, não tinha conseguido. Eu achava que, realmente, era difícil, mas não era impossível. E eu vi num primeiro momento como uma possibilidade. Uma possibilidade a mais pra eu conseguir ingressar na UFRGS. E num segundo momento, eu tive uma certa... não uma preocupação, mas um receio de como a universidade iria receber esses alunos. E de como os outros alunos iriam receber isso. Porque a UFRGS, eu

¹⁴ “P” refere-se à questão ou comentário feito pela pesquisadora e “E” refere-se a comentário ou resposta do estudante entrevistado.

não sei se falar isso é uma coisa repetitiva, mas ela é uma universidade muito elitizada. (E3 Ped.)

E: Um dia a gente tava conversando lá em casa e tudo... por o Brasil ser a miscigenação que é de pessoas, tinha que ter mais negros na faculdade, resumindo, e não tem porque não tem instrução mesmo. Acho que essa é uma forma de ter, porque se for pegar assim, vamos dizer, a população toda brasileira, no Rio Grande do Sul aqui, na Região Metropolitana, se não 50 por 50 de brancos e negros, é mais ou menos isso. Não sei a estimativa como funciona, ou 60/40, não sei, mas se for botar, pega em qualquer cadeira, de qualquer curso, vai ter 90% brancos e 10 negros. Acho que isso é uma forma de... não tem que ser pra sempre né, mas esse é um caminho de começar todo mundo ser, vamos dizer, mais parecido né, tanto na instrução. Acho que é mais ou menos isso. (E9 Elet.)

E: Uma vez ocorreu um fato, eu discutindo com o Daniel, que é um outro engenheiro lá, e eu dizendo: Não, política de cotas tem que ser aprovada até pela questão de representatividade. Ai eu perguntei pro Daniel: quantas vezes tu viu um engenheiro negro ser chamado na televisão pra dar sua opinião sobre alguma coisa? (E10 Elet.)

Os estudantes apontam para uma série de questões que devem ser mais bem discutidas. Aparece de forma latente nas falas a mudança, vista como necessária, que a política tem gerado no perfil racial dos estudantes. Junto disso aparece a necessidade de representação. Quando o estudante E10 Elet. conta ter perguntado para um colega de trabalho: “*Quantas vezes tu viu um engenheiro negro ser chamado na televisão pra dar sua opinião sobre alguma coisa?*”, mostra o quão é importante ver-se representado nos espaços sociais de maior prestígio. Woodward compreende a representação como um processo cultural que estabelece identidades individuais e coletivas, estreitamente ligada às relações de poder. Desse modo,

a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. [...] Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (grifos da autora)¹⁵.

Assim, para o aluno negro que não se vê representado, ou se vê na maior parte das vezes ocupando papéis subalternos, torna-se ainda mais difícil pensar que

¹⁵ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, 3ª Ed. p. 17.

um dia possa ocupar o lugar do engenheiro que aparece na televisão dando a sua opinião sobre algo importante. Ao mesmo tempo, ao estar na Universidade cursando uma das engenharias, o estudante já parece conseguir minimamente projetar esta possibilidade e se imaginar ocupando aquele lugar.

Se formos pensar nos docentes da Universidade – que são ainda os que ocupam os principais espaços de decisão na instituição e, para os alunos, são aqueles que representam o saber instituído –, a UFRGS se constitui como uma das instituições de ensino superior mais desiguais no que diz respeito à distribuição racial dos seus docentes. Com base nos dados de 2005 do Sistema de Avaliação Nacional do Ensino Superior (Sinaes)¹⁶, somente em torno de 1,6% dos professores universitários de todo o país são negros. Dos 2044 docentes da UFRGS naquele período, 1881 se autodeclaravam brancos, 15 amarelos, 32 pardos, 8 negros, 5 indígenas e 103 não declararam sua raça/cor. Considerando esses dados vemos que não chegava a 0,5% o percentual de professores negros na UFRGS.

Nesse sentido, Carvalho indica que

a ausência entre os quadros das universidades brasileiras de acadêmicos negros produzindo conhecimento e reflexão sobre a questão negra na educação deixou essas instituições com pouca capacidade para refletir sobre sua própria política racial e de autoavaliar-se adequadamente nesse respeito¹⁷.

O visível desequilíbrio no que diz respeito à quantidade de professores negros e não negros no quadro docente da Universidade produz efeitos, cria sentidos que levam os estudantes a constituírem suas identidades raciais de um modo e não de outro. Os espaços de poder na Universidade são racializados, sendo ocupados basicamente por uma mesma raça/cor.

As ações afirmativas, nesse sentido, tensionam estas disposições de poder, mexem com a estrutura da Universidade. Ao ter mais jovens negros chegando ao ensino superior espera-se que eles possam formar-se, ingressar em programas de pós-graduação e muitos deles na carreira docente. Para Carvalho¹⁸, os sistemas de reserva de vagas deveriam inclusive ser ampliados para a pós-graduação, garantindo que os estudantes negros possam ingressar nesse nível de ensino. Com isso, também se espera promover, além de maior diversidade no corpo discente e docente das Universidades, nas cores que a compõe, a diversidade de saberes, de práticas, de compreensões de mundo.

¹⁶ Pesquisa realizada no site do Ministério da Educação (MEC) em 2009, durante a pesquisa de mestrado. Após este período as informações foram retiradas da página eletrônica do MEC.

¹⁷ CARVALHO, José Jorge de. *Inclusão Étnica e Racial no Brasil – a questão das cotas no ensino superior*. São Paulo: Attar Editorial, 2006, 2ª Ed., p. 15-16.

¹⁸ CARVALHO, 2006.

Um aspecto que me pareceu significativo nesse grupo de alunos trata-se da importância que atribuem à coletividade, à comunidade a que pertencem, aos laços familiares e à relação com os pares. Ao contrário do que expõem Silva e Fabris, sobre a constituição de um sujeito universitário na contemporaneidade, quando apontam que em tempos neoliberais “estar na universidade é enunciado como uma conquista em um tempo-espaço marcados pela individualização das responsabilidades”¹⁹, estes alunos parecem irromper com outras formas de entender e habitar este espaço. Nas falas que se seguem evidenciam a segurança encontrada no grupo, nos seus pares, nos iguais.

E: Quando eu entrei tava meio receosa com os professores. Como é que eles iam tratar, sabe. Era todo um ambiente diferente, eram pessoas diferentes. Mas daí é bem isso: a gente se juntou num grupinho para se defender, mais ou menos. Mas não, os professores reagiram super bem. A maioria disse: “Ah, tantas diversidade, que bom!” Conversou, sabe. (E1 Ped.)

E: Quando eu cheguei aqui, eu acabei... O primeiro contato com meu grupo tinham várias cotistas. Então meio que se formou assim, não um clã, a gente não tinha nenhuma dificuldade, mas um grupo muito legal no primeiro semestre. Tanto é que o primeiro semestre até hoje foi o meu melhor na faculdade. Porque eu fiz nove disciplinas [...] fui aprovada em todas, com uma aprovação excelente. E a partir do segundo semestre começou a ficar bem difícil. O segundo, o terceiro e o quarto, foram muito difíceis pra mim. (E3 Ped.)

P: E qual o teu trânsito entre os espaços da UFRGS? Tem algum lugar da UFRGS que tu te sente bem, que gosta de ir com os colegas?

E: Olha, depois do segundo semestre assim, o que eu mais fiz foi marcar jogo de futebol com os colegas e só. [...] no início a gente tinha marcado churrasco de início de semestre e um de fim de semestre. [...] Com os mesmos... não com os mesmo colegas de turma, que eu to fazendo Física agora não. É com os colegas que começaram o curso comigo.

P: E o que tu acha disso, desses encontros?

E: Um incentivo pra continuar. Falando com quem já tá mais adiantado no curso, eu penso, ah, vou continuar. (E6 Elet.)

E: Eu me lembro que até teve uma colega minha de serviço que eu comecei a estudar com ela pra ela passar, e ela passou em Engenharia de Energia. E quando ela passou eu comecei a estudar junto com ela e mais um outro colega, fazendo um

¹⁹ SILVA, Roberto Rafael Dias da; FABRIS, Elí Terezinha Henn. O jogo produtivo da educabilidade/governamentalidade na constituição de sujeitos universitários. *Revista Brasileira de Educação*. ANPED. V. 15, n. 44, Maio/Ago., 2010. p. 358.

grupo de estudos pra Cálculo e Física. Assim eu fiz. Tem uma biblioteca do SENAC, que fica aberta até as 11, 11 e meia da noite. (E6 Elet.)

P: Tu gosta de estudar aqui na biblioteca? Tu estuda sozinho ou costuma fazer grupo? Como é?

E: No começo do semestre procuro estudar sozinho e depois a gente vai formando os grupos. Sempre tem dificuldades, a gente procura ajudar o outro. Não é sempre que o professor tem horário disponível, ou tem horário na monitoria. Então, normalmente a gente tentou estudar em grupo mesmo. Isso sempre funciona desde o início da faculdade. Sempre desta forma: no início do semestre, sozinho; e, conforme o semestre vai andando, vai evoluindo, a gente vai fazendo grupinho e vai avançando. (E8 Elet.)

Nas falas vemos que os estudantes buscam e encontram no convívio com os pares a superação das dificuldades encontradas, servindo como apoio e estímulo. Logo nos primeiros dias de aula já se aproximam daqueles que mais se parecem, ao grupo que se sentem pertencentes, e realizam atividades de sociabilidade, recreativas e de estudo, fortalecendo-se uns aos outros.

A importância que atribuem à família é interessante no sentido de que “a conquista” de estar na Universidade parece que, além de ser do próprio sujeito, adquire significado particular também para o grupo familiar. De alguma forma eles, estando na Universidade, mobilizam os demais. Os estudantes expressam a expectativa de estarem abrindo caminho para os que virão depois.

E: Pra mim é uma conquista, agora que, o primeiro da família [a estar no ensino superior] sou eu né, meu irmão já quase começou e não quis. [...] Mas tá bem legal assim, o futuro aí, a gente estudando, correndo, pra ser bem melhor pra todo mundo, família, tudo, filhos, netos, por aí. (E9 Elet.)

P: E a tua mãe terminou o segundo grau?

E: Terminou o segundo grau. Agora está fazendo o técnico.

P: Que legal!

E: Parece que deu um up na vida. “Passando na universidade, agora tá criado, eu vou dar um jeito na minha vida” [pensamento da mãe]. (E10 Elet.)

E: Eu fiquei muito feliz assim, quando veio a questão das cotas, de pensar nessa possibilidade. Mas não só minha também né, mas se for pensar assim, na comunidade de onde eu vim, da minha família, que eu sou a primeira que estou entrando na Universidade, de saber que a partir daí... claro que tem toda a questão

das lutas né, que teve pra ter as cotas. Mas bom, eu sou a primeira, mas meus sobrinhos também vão ter essa oportunidade né. (E2 Ped.)

Vemos que, mesmo que consideremos existir um “currículo universitário”, com regras, planos, modos mais adequados de ser aluno, que indique que o trajeto universitário deve ser percorrido individualmente, de forma competitiva, “haverá aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos. A imprevisibilidade é inerente ao percurso”²⁰.

Ao anunciar “*eu gostaria que a própria Universidade fosse um espaço mais coletivo, não tão individual*” (E3 Ped.), a estudante manifesta o desejo de viver este espaço-tempo de outro modo. Penso que esses jeitos de ser e estar no espaço acadêmico, que de alguma forma questionam as disposições de poder, talvez sejam uma das grandes questões que emergem das ações afirmativas e para as quais devemos atentar. Nesse sentido, identifico na alteração do perfil racial dos estudantes, na valorização do coletivo em detrimento do individual, na vontade de ver-se representado nos espaços privilegiados, algumas das potências do Programa de Ações Afirmativas, tensionado transformações na Universidade e promovendo rupturas que desacomodam o *modus operandi* UFRGS.

Referências

CARVALHO, José Jorge de. *Inclusão Étnica e Racial no Brasil* – a questão das cotas no ensino superior. 2. ed. São Paulo: Attar Editorial, 2006.

IBGE. *Síntese de Indicadores Sociais* – uma análise das condições de vida da população brasileira. 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadores_minimos/sinteseindicsois2010/SIS_2010.pdf. Acesso em: 02 jul. 2011.

LÓPEZ, Laura Cecília. “*Que América Latina se sincere*”: Uma análise antropológica das políticas e poéticas do ativismo negro em face às ações afirmativas e às reparações no Cone Sul. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

²⁰ LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 16.

SILVA, Roberto Rafael Dias da; FABRIS, Elí Terezinha Henn. O jogo produtivo da educabilidade/governamentalidade na constituição de sujeitos universitários. In: *Revista Brasileira de Educação*. ANPED. V. 15, n. 44, Maio/Ago., 2010. p. 352-363.

SOUZA, João Vicente Silva. *Alunos de escola pública na Universidade Federal do Rio Grande do Sul: portas entreabertas*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Ações afirmativas com recorte racial no Ensino Superior: o impacto da política na Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul

Resumo

O artigo analisa o impacto da adoção de ações afirmativas através de sistema de reserva de vagas para estudantes negros provenientes de escolas públicas no perfil dos estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Além disso, aborda a relevância da implementação de políticas afirmativas na vida de estudantes negros e na dinâmica de suas famílias. Através de pesquisa quantitativa e qualitativa, utilizando informações institucionais, entrevistas e depoimentos extraídos de jornal impresso foi possível perceber a alteração significativa no perfil racial dos estudantes da Universidade, mas também que ainda há possibilidade de maior ingresso de estudantes negros. Além disso, o fato de terem conseguido acessar o ensino superior adquire um significado simbólico de modelo para as próximas gerações. É importante para os jovens negros verem representantes de seus grupos bem-sucedidos como profissionais nas áreas consideradas mais nobres.

Palavras-chave:

Ações afirmativas. Ensino superior. Estudantes negros.

Affirmative action with a racial emphasis in higher education: the impact of policy on the Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul

Abstract

This paper aims to analyze the impact of the adoption of Affirmative Action per system of reserve places for black students from public schools in the profile of students from the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS). Beyond this, discusses the relevance of the implementation of Affirmative Action in the life of black students and their families. Per a quantitative and qualitative research, using institutional information, interviews and statements in newspaper it was possible to notice significant changes in the racial profile of the students of the university, but its still possible a higher admission of black students. Beyond this, the fact of join the higher education has a symbolic meaning as a model for the next generations. It's important for the black youngsters to see successful representatives of their groups in working areas considered nobles.

Keywords:

Affirmative actions. Higher education. black students.